

## **O luto paterno por perdas perinatais: uma revisão integrativa da última década**

### **Paternal grief due to perinatal losses: an integrative review of the last decade**

*Aimê Parente de Sousa* é psicóloga, mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Especialista em Saúde do Adulto e do Idoso na modalidade residência multiprofissional pela Escola Superior de Ciências da Saúde (ESCS) e em Intervenções em Situações de Perdas e Luto pelo Centro Universitário Farias Brito/Instituto Escutha (FB UNI). Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

Contato: [aimeparente01@gmail.com](mailto:aimeparente01@gmail.com)

*Rebecca Holanda Arrais* é psicoterapeuta, Doutoranda e Mestre pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). Psicóloga pela Universidade Federal do Ceará (UFC) com Residência em Cancerologia pelo Instituto do Câncer do Ceará e Escola de Saúde Pública do Ceará. Possui título de Especialista em Psicologia em Saúde pelo Conselho Federal de Psicologia. Membro do Laboratório de Estudos sobre o Luto e Intervenções em Cuidados Paliativos (LELICP) na Universidade de Fortaleza.

Contato: [rebecca.arrais@gmail.com](mailto:rebecca.arrais@gmail.com)

### **Resumo**

Esta revisão integrativa analisou os aspectos psicossociais do luto paterno em artigos publicados na última década nas bases SciELO, Pepsic, BVS e Pubmed. Dos 74 artigos encontrados, 11 foram selecionados, sendo a maioria de metodologia qualitativa e originada de países ocidentais de alta renda. A análise identificou cinco categorias: “Reações



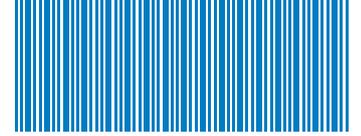
à perda e enfrentamento do luto”, “Apego com o bebê”, “Repercussões da perda perinatal na identidade paterna e papel de parceiro solidário”, “Suporte social, familiar e profissional” e “Expectativas de gênero e enfrentamento da perda”. Concluiu-se que o luto paterno, influenciado por papéis de gênero, tende a ser mais inibido e menos reconhecido, destacando a necessidade de apoio social e especializado às suas necessidades.

Palavras-chave: Perda gestacional. Luto contido. Perda perinatal. Paternidade. Masculinidade.

## **Abstract**

Grief after perinatal loss is common but little studied in men, since most research and care guidelines focus on women. This integrative review analyzed the psychosocial aspects of paternal grief in articles published in the last decade in the SciELO, Pepsic, BVS and Pubmed databases. Of the 74 articles found, 11 were selected, most of which used qualitative methodology and originated from high-income Western countries. The analysis identified five categories: “Reactions to loss and coping with grief”, “Attachment to the baby”, “Repercussions of perinatal loss on paternal identity and role as a supportive partner”, “Social, family and professional support” and “Gender expectations and coping with loss”. It was concluded that paternal bereavement, influenced by gender roles, tends to be more inhibited and less recognized, highlighting the need for social and specialized support for their needs.

Keywords: : Pregnancy loss. Disenfranchised grief. Perinatal loss. Paternity. Masculinity.



## Introdução:

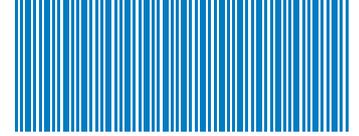
O luto pela perda de um filho é complexo e desafiador, demandando um esforço ativo para integrar a perda e manter o vínculo com o ente querido ausente (MARTÍNEZ-ESQUIVEL; MUÑOZ-ROJAS; GARCÍA-HERNÁNDEZ; FRANCO, 2020).

Esse processo é influenciado por fatores como a natureza do vínculo e o contexto social (WORDEN, 2013). Caselatto (2015) destaca que as culturas impõem normas ao luto e Doka (2002) aponta que lutos que se desviam dessas expectativas podem resultar em um isolamento social e emocional, dificultando o enfrentamento da perda.

O luto materno relacionado a perdas durante a perinatalidade é amplamente discutido em trabalhos anteriores (IACONELLI, 2007, LEMOS, 2015; PARIS; DE MONTIGNY; PELLOSO, 2021) como um dos principais lutos não reconhecidos em nossa cultura. Entende-se como perinatalidade todo o período que engloba a gestação, o parto e o puerpério, e envolve tanto o desenvolvimento fetal do bebê quanto a saúde materna (MONTERO et al., 2011). Mães que sofrem perdas perinatais enfrentam obstáculos no reconhecimento de seu luto, como questionamentos sobre sua capacidade generativa e a minimização de sua dor, especialmente em casos de óbitos fetais. A falta de acolhimento nos serviços de saúde, de rituais e de memórias palpáveis do bebê também são fatores que contribuem para seu sofrimento emocional (TINOCO, 2015).

Entende-se que o vínculo entre pais e filho começa a ser construído desde que a ideia de um novo membro é integrada à família, independentemente do tempo de gestação. Sendo assim, o campo da perinatalidade entende esse período como uma fase de intensas mudanças físicas, psicológicas, sociais e culturais, que impactam não só a mulher, mas toda a rede familiar. Abranger a complexidade e a necessidade de um cuidado especializado em saúde que considere as especificidades desses lutos é fundamental não somente para o suporte adequado para as mulheres, mas também para os outros membros da família que também são impactados pela perda.

Esta pesquisa foi motivada pela experiência das pesquisadoras como psicólogas em maternidades, na qual observaram muitos homens acompanhando suas parceiras após perdas perinatais e que compartilhavam expectativas sobre a paternidade, a dor da perda e a preocupação em apoiar suas companheiras. Diante disso,



percebeu-se a necessidade de um maior aprofundamento no luto paterno, uma vez que este é geralmente visto como secundário e pouco discutido na literatura científica quando comparado ao luto materno.

Compreender o luto paterno exige considerar o gênero como um fator central na parentalidade e no luto. Os papéis de gênero, socialmente construídos, atribuem diferentes expectativas a homens e mulheres, desencorajando nos homens o reconhecimento e a expressão de sentimentos. Essa inibição social leva à internalização dessas restrições, fazendo com que eles próprios controlem suas emoções, criando uma desconexão emocional. Isso pode resultar em solidão emocional, afetando profundamente suas experiências de vida (MAUÉS; NASCIMENTO, 2023). Como resultado, pode-se observar que o luto paterno pode ser atravessado por uma experiência de silenciamento da dor e isolamento afetivo devido às cobranças internas e externas em se manter forte (PEREIRA-BENTO, 2022).

Entende-se que a masculinidade hegemônica ainda marca a subjetividade masculina, mas, nos últimos anos, tem-se observado uma crítica crescente a esse modelo. O incentivo ao desenvolvimento de habilidades como empatia e cuidado permite a existência de novas identidades masculinas e essa mudança influencia a forma como os homens vivenciam a paternidade e o luto (MARTÍNEZ-ESQUIVEL; MUÑOZ-ROJAS; GARCÍA-HERNÁNDEZ, 2023).

Revisões de literatura anteriores sobre o luto masculino após perda gestacional e/ou neonatal destacaram a necessidade de uma abordagem holística para compreender a experiência de luto dos homens. Nelas são apontados que fatores individuais, como demografia e apego ao bebê, influenciam na intensidade do luto. Do mesmo modo, as interações interpessoais, o reconhecimento social como pais enlutados, as expectativas de gênero e as políticas de licença no trabalho afetam como os homens lidam com a perda (OBST et al., 2020; WILLIAMS et al., 2020). A presente pesquisa busca avançar e aprofundar essas discussões na medida em que, diferentemente dos trabalhos anteriores, abrangerá perdas ocorridas durante todo o período da perinatalidade e resgatará artigos mais recentes sobre a temática, incluindo pesquisas realizadas em diferentes países.

Tomando como referência a literatura existente sobre luto parental e os atravessamentos das questões de gênero na



atualidade, construiu-se a seguinte pergunta de partida: Quais elementos podem ser encontrados na literatura especializada sobre como os pais vivenciam seus lutos por perdas perinatais? Sendo assim, o presente estudo objetiva realizar uma revisão integrativa da produção acadêmica nacional e internacional sobre os aspectos psicossociais do luto paterno por perdas perinatais.

### Metodologia

A presente pesquisa propõe realizar uma revisão integrativa dos trabalhos produzidos nos últimos 10 anos em torno do luto paterno devido a perdas perinatais. Para a utilização dessa metodologia foi adotado o seguinte percurso: elaboração da pergunta norteadora, busca ou amostragem na literatura, coleta de dados, análise crítica dos estudos incluídos, discussão dos resultados e apresentação da revisão integrativa (TAVARES DE SOUZA; DIAS DA SILVA; DE CARVALHO, 2010).

Após a elaboração da pergunta de partida foi realizada uma pesquisa avançada com descritores em português nas bases de dados SciELO, Pepsic, BVS e Pubmed durante o mês de julho de 2024. A escassez de pesquisas que abordam o luto paterno associado a perdas perinatais e a inexistência de *luto paterno* e *luto parental* como descritores nas plataformas de terminologias padronizadas utilizadas – MeSH/DeCS – levou à segmentação desses conceitos e adaptação para os descritores *luto* e *paternidade* isoladamente. As palavras-chave principais escolhidas para a busca foram *luto/bereavement*, *perda perinatal/perinatal loss* e *paternidade/paternity*. Foram incluídos também termos alternativos a esses descritores, com variados níveis de recorrências em trabalhos anteriores, visando maximizar o número de artigos encontrados. Desse modo, as *strings* de busca resultantes, foram: (Luto OR Bereavement OR Grief OR Mourning) AND (Aborto espontâneo OR Perda Perinatal OR Natimorto OR Perda Precoce da Gravidez OR Interrupção Involuntária da Gravidez OR Perinatal Loss OR Miscarriage OR Abortion, Spontaneous OR Stillbirth OR neonatal loss) AND (Paternidade OR Paternity OR Masculinidade OR Masculinity OR Pai OR Father).

O refinamento das estratégias de busca levou à abrangência de estudos fora do escopo de pesquisa, diante dos quais foram estabelecidos como critérios de inclusão: pesquisas – artigos, dissertações ou teses – que abordem os aspectos psicossociais do luto em diálogo com a construção da masculinidade e/ou paternidade, trabalhos que abordem os aspectos psicossociais do



luto por perdas gestacionais e neonatais, publicados na íntegra em português, inglês ou espanhol, entre julho de 2014 e julho de 2024. Como critérios de exclusão foram descartados: trabalhos que não pudessem ser resgatados na íntegra, produções que trouxessem aspectos do luto parental sem fazer uma diferenciação entre luto paterno, luto materno e luto de outros familiares, publicações que abordassem perda de crianças sem analisar as diferenças relacionadas a idade, artigos que abordassem interrupções voluntárias da gestação e demais trabalhos que trouxessem outro recorte de pesquisa, que não abordassem suficientemente o luto paterno – tais como pesquisas focadas no luto materno, no luto dos irmãos ou em demais membros da família ou focadas na atuação do profissional de saúde – uma vez que estes também apresentam impactos no luto paterno, no entanto, fogem ao objetivo elencado.

A primeira fase da pesquisa levou a um total de 74 trabalhos, dos quais foram 72 artigos e 2 dissertações. Após a comparação entre os achados e a retirada dos duplicados, foram obtidos 68 trabalhos. A leitura dos títulos e dos resumos levou à exclusão de 50 trabalhos, por não atenderem aos critérios de inclusão e exclusão estabelecidos. Dos 18 resultantes, prosseguiu-se para a leitura dos trabalhos encontrados na íntegra. Destes identificou-se que dois abordaram a experiência de perdas perinatais na perspectiva dos pais, porém não teceram diferenciações quanto ao gênero, e cinco abordaram sobre luto paterno por perdas de filhos, porém, não discriminaram suficientemente as diferenças relacionadas à idade da criança durante a perda para o processo de luto. Desse modo, seguiu-se com apenas 11 artigos para a seleção final. O caminho de busca está indicado na Figura 1.

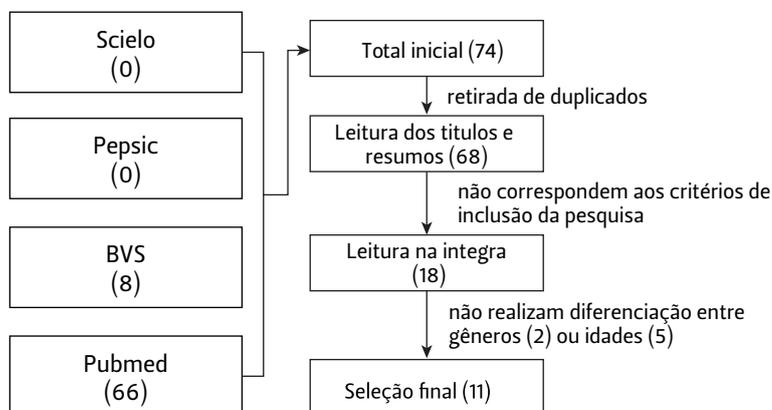


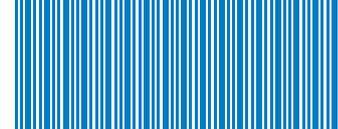
Figura 1 - Resultado da seleção de artigos a partir da pesquisa em bancos de dados



Após a seleção final dos artigos, sobreveio a avaliação crítica e síntese dos resultados obtidos. Optou-se por uma abordagem qualitativa iniciada no mapeamento e na classificação dos artigos quanto ao recorte dos sujeitos da pesquisa, ao local de publicação, idiomas, objetivos e métodos adotados. Em seguida, realizou-se o fichamento de cada um dos artigos e a análise da similitude de palavras e assuntos abordados entre eles, visando identificar os tópicos mais recorrentes e relevantes. Por fim, realizou-se a categorização dos conteúdos e o agrupamento em categorias temáticas, que permitem uma melhor visualização dos achados e compreensão em profundidade dos temas discutidos. O resultado desse processo levou à elaboração de cinco categorias temáticas: “Reações à perda e enfrentamento do luto”, “Apego com o bebê”, “Repercussões da perda perinatal na identidade paterna e a aquisição do papel do parceiro solidário”, “Suporte social, familiar e profissional” e “Expectativas de gênero e enfrentamento da perda”, que serão discutidas na seção a seguir.

### **Resultados e discussão**

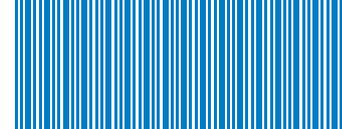
Os artigos resultantes foram todos publicados em língua inglesa, não tendo sido encontrados artigos nacionais nessas plataformas que se enquadrassem nos recortes elencados. O país com maior concentração de trabalhos foi o Reino Unido (4), seguido pela Austrália (3). Colômbia, Irlanda, Índia e Suíça apresentaram um trabalho cada. Não foram encontradas produções brasileiras dentre os artigos selecionados. Observa-se prevalência de produções ocidentais (10) desenvolvidas em países de alta renda (8) e destaca-se que as três produções australianas encontradas dizem respeito a um mesmo grupo de pesquisa. A descrição dos artigos pode ser encontrada na tabela 1, que se encontra a seguir:



**Tabela 1**

*Descrição dos artigos encontrados*

<b>Autores</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Método</b>	<b>Sujeitos</b>	<b>País</b>
Obst et al. (2020)	Resumir e avaliar a literatura com foco no luto masculino após a perda gestacional e a perda neonatal	Teórico Revisão sistemática	Estudos empíricos qualitativos, quantitativos ou de métodos mistos, incluindo dados primários sobre o luto masculino	Austrália
Lizcano Pabón et al. (2019)	Compreender e descrever o significado da morte perinatal em uma amostra de pais do nordeste da Colômbia	Empírico qualitativo Entrevistas semiestruturadas Método fenomenológico descritivo	15 homens que passaram por perdas perinatais	Colômbia
Burgess et al. (2023)	Investigar as experiências vividas pelos pais de natimorto	Empírico qualitativo Entrevistas semiestruturadas Método fenomenológico interpretativo	6 pais que tiveram filhos natimortos	Reino Unido
Williams et al. (2020)	Investigar experiências vividas de homens durante e após aborto espontâneo em ambientes de alta renda	Teórico Revisão sistemática	Estudos qualitativos, quantitativos ou de métodos mistos	Reino Unido
Obst et al. (2021)	Quantificar e explorar os fatores que contribuem para o sofrimento dos homens que experienciam o luto	Empírico quantitativo Questionário online	228 homens que experienciaram perdas gestacionais ou neonatais	Austrália



<b>Autores</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Método</b>	<b>Sujeitos</b>	<b>País</b>
Harty et al. (2021)	Analisando as experiências de homens após o aborto espontâneo recorrente de sua parceira no primeiro trimestre	Empírico qualitativo Entrevistas semiestruturadas	5 homens cujas parceiras sofreram pelo menos dois abortos espontâneos consecutivos	Irlanda
Roberts et al. (2017)	Explorar as percepções, atitudes e comportamentos dos homens relacionados às escolhas reprodutivas ligadas ao natimorto, obter experiências do pai relacionadas ao natimorto e examinar as opiniões dos homens sobre uma intervenção baseada na atenção plena das mulheres para o luto perinatal após natimorto em suas comunidades na Índia rural e central	Empírico de metodologia mista Entrevistas em profundidade e estruturadas	28 homens com filhos natimortos para a parte quantitativa e 5 para a parte qualitativa	Índia/ Estados Unidos
Obst e Due (2019)	Explorar as experiências dos homens australianos em relação ao apoio formal e informal recebido após a perda da gravidez de uma parceira	Empírico de metodologia qualitativa	8 homens que experienciaram perdas gestacionais de filhos	Austrália
Jones et al. (2019)	Relatar pesquisas conduzidas sobre as experiências de luto e perda de homens após natimortos e morte neonatal em países ocidentais de alta renda	Teórica Revisão de Escopo	Estudos qualitativos, quantitativos ou de métodos mistos relevantes na literatura médica e psicossocial	Reino Unido



<b>Autores</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Método</b>	<b>Sujeitos</b>	<b>País</b>
Burden et al. (2016)	Avaliar e resumir as evidências atuais sobre o impacto psicossocial do natimorto para os pais e suas famílias	Teórica Revisão sistemática e meta-análise de pesquisa de métodos mistos	Estudos qualitativos, quantitativos e de métodos mistos foram incluídos se eles avaliaram pelo menos um impacto psicossocial/experiência de natimorto em pais, avós, irmãos ou futuros filhos	Reino Unido
Campbell-Jackson et al. (2014)	Explorar as experiências de mães e pais ao se tornarem pais de uma criança nascida após um natimorto recente	Empírico qualitativo Entrevista em profundidade Método fenomenológico interpretativo	7 casais que com um filho natimorto e tiveram uma gestação subsequente em menos de 2 anos	Suíça

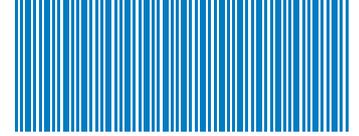
Fonte: Elaborada pelas autoras

Quanto aos recortes dos trabalhos encontrados, destaca-se que nove abordam exclusivamente o luto paterno, enquanto um aborda o luto parental e um o luto familiar. No que concerne à idade do filho no momento em que a perda ocorreu, foram identificadas pesquisas sobre o período gestacional (3), natimortos (5) e perdas perinatais (3).

As abordagens metodológicas variaram entre estudos teóricos e de campo, sendo três revisões sistemáticas e uma de escopo. A presente pesquisa se difere da revisão de Burden et al. (2016), que aborda o luto familiar, ao focar exclusivamente no luto paterno. Além disso, abrange todo o período da perinatalidade, ao contrário de Williams et al. (2020), que trata do luto paterno por abortos espontâneos, e de Jones et al. (2019), que se concentra no luto paterno por perdas neonatais e natimortos. Em relação a Obst et al. (2020), o diferencial está na inclusão de 7 estudos mais recentes sobre o tema.

Sete trabalhos adotaram metodologias empíricas, das quais se observou a predominância de metodologias qualitativas (5), em detrimento de quantitativas (1) e mistas

(1). As entrevistas semiestruturadas e em profundidade foram as abordagens de coleta de dados preferenciais, presentes em metade



desses trabalhos. O método fenomenológico de análise dos dados compareceu em três pesquisas. Não foram encontrados estudos experimentais.

A análise das características sociodemográficas, permite inferir que a maior parte das pesquisas sobre o tema se concentra em países de alta renda e que, nos países de menor renda, prevaleceram estudos qualitativos com amostras mais reduzidas quantitativamente e maior discussão dos atravessamentos culturais na experiência do luto. Destaca-se ainda que todos os estudos encontrados foram transversais, não sendo encontrados estudos longitudinais sobre o tema. Além disso, todos os estudos discorrem sobre experiências de pais que estavam em relacionamentos afetivos heterossexuais com as companheiras no momento em que as perdas ocorreram.

### **Reações à perda e enfrentamento do luto**

A análise dos estudos mostra que o luto por perdas perinatais provoca reações emocionais comparáveis às do luto por uma criança falecida, mas as perdas de natimortos ou neonatais enfrentam a dificuldade adicional da não validação social. Esses pais apresentam taxas maiores de depressão (tanto autorrelatada quanto clínica), ansiedade, raiva, sintomas de transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) e sentimentos prolongados de culpa e fracasso (BURDEN et al., 2016).

As reações do luto não apresentam diferenças significativas entre si quando correlacionadas à idade gestacional ou fetal. Do mesmo modo, reações emocionais de luto, como tristeza, ansiedade, estresse e depressão, são comuns entre homens e mulheres (CAMPBELL-JACKSON et al., 2020; HARTY et al., 2021). Em alguns casos, observa-se que homens apresentam níveis tão altos quanto ou superiores às suas parceiras de tristeza e estresse (HARTY et al., 2021). Embora as reações ao luto sejam similares entre homens e mulheres, a intensidade e a expressão diferem. Homens, geralmente, demonstram sua dor de forma menos intensa e mais breve, com tendência a se distrair em vez de externalizar emoções (ROBERTS et al., 2017). É fundamental indicar que essa menor expressão de dor não necessariamente significa um sofrimento menor, mas pode significar uma forma diferente de lidar com a perda.



Enquanto as mulheres tendem a apresentar mais reações emocionais relacionadas à culpa, autocrítica em relação ao corpo e sentimentos de fracasso em diversos papéis familiares, como mãe e esposa, os homens frequentemente vivenciam sentimentos de fracasso em seu papel de protetor, além de raiva e culpa por não conseguirem impedir a perda (BURDEN et al., 2016). São comuns também um forte sentimento de isolamento e desconexão social, devido à falta de reconhecimento como pais em luto por profissionais de saúde e pela comunidade. Quatro estudos destacam uma maior propensão dos homens a respostas desadaptativas, como evitar o contato com a perda e recorrer a estratégias como consumo de álcool e outras substâncias (BURDEN et al., 2016; HARTY et al., 2021; JONES et al., 2019), além de, em situações extremas, aumento de violência doméstica (ROBERTS et al., 2017). Obst et al. (2020) notaram que, em perdas neonatais, o luto feminino não influencia os homens, mas o contrário pode ocorrer.

Em relação ao enfrentamento do luto, homens e mulheres apresentam estilos variados, alternando entre abordagens intuitivas e instrumentais. Contudo, os homens mostram maior inclinação para estratégias instrumentais, como se manter ocupado com trabalho, esportes ou atividades criativas. Embora alguns também expressem emoções, como o choro, isso tende a ocorrer de forma privada, refletindo uma preferência por sofrer de maneira independente. Do mesmo modo, observou-se que esses homens podem oscilar entre o enfrentamento focado no problema e nas expressões emocionais do luto, conforme o Modelo do Processo Dual (OBST et al., 2020).

Um estudo com homens que enfrentaram perdas gestacionais revelou que muitos que apresentam um estilo de enfrentamento mais instrumental buscam pela literatura sobre o tema, informações práticas e suporte da equipe de saúde; outros, com um enfrentamento mais intuitivo, valorizam aconselhamento e grupos de apoio (OBST; DUE, 2019). O suporte espiritual também se mostrou importante para encontrar significado na perda e manter um vínculo contínuo com o filho (OBST et al., 2020; LIZCANO-PABÓN et al., 2019).



## Apego com o bebê

Um fator significativo no luto masculino é o apego ao bebê, com evidências mostrando que a intensidade do vínculo com o filho está relacionada à intensidade do luto. Entende-se que a relação afetiva entre pais e filhos não é uma relação dada, mas sim um vínculo que é construído ao longo do tempo, tanto que alguns homens apresentam baixa intensidade nas reações de luto, pois não sentem que o vínculo foi plenamente formado, seja porque houve uma perda muito precoce na gestação ou por baixo envolvimento durante a gravidez (OBST et al., 2020).

A ativação dos sistemas de apego parental ocorre junto com a criação de memórias com o bebê ainda na gestação, o que pode acontecer quando esses pais adquirem objetos, participam de consultas pré-natais e ouvem batimentos cardíacos do filho ou mesmo tocam a barriga da mãe e conversam com o bebê. Esses momentos auxiliam não só na criação de vínculo entre pais e filhos, mas na própria transição para a paternidade na medida em que servem como momentos de validação de suas identidades como pais (JONES et al., 2019). Esses pais geralmente vivenciam um luto mais intenso após a perda, em comparação com aqueles que não têm essas memórias vívidas (OBST et al., 2020; OBST et al., 2021; HARTY et al., 2021; WILLIAMS et al., 2020; JONES et al., 2019). Além disso, a idade gestacional pode influenciar a intensidade do luto, mas não é determinante, sendo relevante na medida em que um período maior de gestação permite mais tempo para criar vínculos e obter reconhecimento social da perda (OBST et al., 2020).

Segundo Burgess et al. (2023), o vínculo entre pais e filhos na gestação é permeado pelo corpo materno, resultando em uma conexão diferente daquela entre mãe e bebê. A criação de objetos simbólicos que remetem ao bebê são importantes para os pais, ajudando na construção do vínculo e também no enfrentamento do luto após a perda, pois tornam a existência do bebê mais tangível. Em caso de perdas neonatais, esses objetos tendem a perder a importância com o decorrer do processo de luto, sendo substituídos por novos rituais, e a relação pai-bebê se transforma conforme novas experiências de vida, como o nascimento de outros filhos, mudanças no estado emocional e disposição do pai para se envolver em novas atividades. Por outro lado, Jones et al. (2019) indica que no processo de luto resultante de perdas neonatais e bebês natimortos é comum observar homens que continuam a conversar com seus filhos falecidos ou se envolvem



em rituais comemorativos, como acender velas no aniversário da morte de seus bebês como uma forma de ressignificação do vínculo com o filho.

A presença de filhos vivos anteriores ajudou alguns pais a lidar com sua perda, pois ocasionava uma valorização maior dos filhos sobreviventes e o vislumbamento da possibilidade de novas gestações a termo, além de reforçar um sentimento de utilidade por se concentrarem no papel de cuidadores (OBST et al., 2020; WILLIAMS et al., 2020). No entanto, os efeitos negativos da perda neonatal também podem persistir, gerando maior medo e preocupação com gestações futuras, mesmo após o nascimento de um filho saudável (BURDEN et al., 2016; OBST et al., 2020).

Em casos de perdas gestacionais recorrentes é possível que a alegria por novas gestações diminua a cada tentativa, na medida em que os pais podem associar a nova gravidez ao fracasso da anterior, intensificando o luto (HARTY et al., 2021). Além disso, ouvir os batimentos do bebê – que era tido como um momento de esperança – pode, em casos de nova perda, aumentar a percepção da dor em comparação à primeira. Nesses contextos, homens e mulheres apresentaram altos níveis de ansiedade e culpa, mas os homens tendem a inibir mais as reações de luto em novas gestações (BURDEN et al., 2016; JACKSON-CAMPBELL et al., 2020). O estudo de Jackson-Campbell et al. (2020) sinaliza que alguns casais que enfrentam uma perda neonatal podem tentar evitar se apegar a um novo bebê por medo de outra perda, enquanto outros focam em protegê-lo. A sensação de risco tende a diminuir conforme o novo bebê se desenvolve, mas a dor pela perda anterior persiste. Com o tempo, os pais tendem a se ajustar e descrever positivamente os filhos nascidos vivos, sem comparações negativas com o bebê perdido.

### **Repercussões da perda perinatal na identidade paterna e a aquisição do papel do parceiro solidário**

A descoberta de uma gestação que vinha sendo planejada costuma trazer alegria aos pais e a notícia de uma perda repentina costuma vir como um evento inesperado, que interrompe bruscamente os sonhos para o bebê e a identidade paterna em construção. Esse impacto pode ser sentido como uma “identidade paterna roubada” (HARTY et al., 2020). A morte perinatal significa não só a perda do bebê, mas também a perda do papel de pai e das

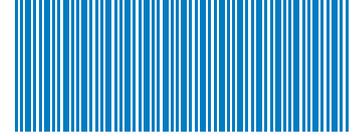


memórias que seriam criadas, deixando muitos com a sensação de perda de parte de si mesmos (LIZCANO-PABÓN et al., 2019).

Homens que vivenciam perdas gestacionais podem lidar com a dor do luto mesmo antes de qualquer sinal visível de gravidez, já que veem o filho como um membro da família, e não apenas um produto biológico (WILLIAMS et al., 2020). Embora a paternidade transforme o senso de identidade masculina, ela é frequentemente questionada durante o luto, seja pela falta de reconhecimento desses homens enquanto pais enlutados devido à confusão em torno de se sua gravidez foi entendida como um bebê ou não, seja pela pressão de seguirem em frente (BURDEN et al., 2016; JONES et al., 2019; OBST et al., 2020). Desse modo, aponta-se como o processo de luto exige uma reorganização de quem se é, ou seja, da própria identidade após a perda do filho, que levará à reconstrução de algumas crenças sobre si mesmos e sobre o seu mundo presumido, assim como o exercício de novas funções e de novos papéis.

Nesse contexto, muitos homens se veem como os principais apoiadores de suas parceiras, acreditando que o luto delas é mais intenso. Assumir esse papel pode lhes ser útil ao fornecer um sentido e uma tarefa significativa, mas também pode levá-los a reprimir suas próprias emoções (OBST et al., 2020; WILLIAMS et al., 2020). Quando esse papel é sustentado pela necessidade de se manterem “calmos” e “fortes”, o processo de luto tende a ser vivido de forma mais isolada, com uma maior negligência às próprias necessidades emocionais, com menor apoio de amigos e familiares e um maior risco de cronificação dos aspectos psicológicos do luto (BURDEN et al., 2016; HARTY et al., 2021; Jackson-Campbell, 2020). A ocupação desse lugar é mais presente em homens que mantêm um estilo de enfrentamento instrumental e demonstram uma consonância com os papéis de proteção e segurança socialmente esperados do gênero masculino (OBST et al., 2021).

O papel de apoiador pode também levar esses homens a se enxergarem como pessoas secundariamente afetadas pela perda em comparação com as mães, vendo-se como menos ou não merecedores de ajuda (WILLIAMS et al., 2020, OBST; DUE, 2019, BURGESS et al., 2023). Assim, o vínculo dos homens com seus bebês e seus processos de luto são frequentemente vistos sob uma perspectiva centrada na mãe, o que leva alguns a reduzir o tempo com seus bebês natimortos para apoiar as necessidades emocionais da parceira (BURGESS et al., 2023). Harty et al. (2021)



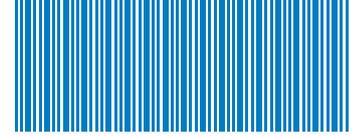
observam que, após múltiplos abortos espontâneos, esses homens têm mais dificuldade em manter esse papel, devido à sobrecarga emocional e à pressão para serem parceiros fortes, resultando em incertezas sobre como apoiar suas parceiras e em um crescente sentimento de desamparo.

De modo geral, os estudos destacam a importância de reconhecer a perda paterna e o papel dos homens além de “parceiros solidários”, já que eles também são sujeitos que estão potencialmente passando por um processo de luto próprio e muitos não se veem nem preparados para executar algumas tarefas, como informar familiares sobre a morte. Além disso, é fundamental que os profissionais de saúde incentivem a participação de pais e mães em rituais adequados e que façam sentido para eles, como segurar o bebê e coletar recordações, para validar suas emoções e experiências (JONES et al., 2019).

### **Suporte social, familiar e profissional**

O luto paterno por perdas perinatais é amplamente discutido nas pesquisas selecionadas como um luto não reconhecido, o que se correlaciona diretamente com uma piora na condição psicológica dos pais e indica a importância do apoio social fornecido por amigos, família e profissionais da saúde (BURGESS et al., 2023; OBST et al., 2020; OBST; DUE, 2019; JONES et al., 2019). No luto paterno, a falta de reconhecimento agrava o sofrimento, gerando questionamentos sobre sua identidade como pais e expondo-os a comentários que minimizam sua dor, ampliando a angústia e o isolamento. Essa falta de reconhecimento do seu lugar enquanto pais enlutados é provavelmente motivada por uma falta mais ampla de reconhecimento social do papel dos homens na gravidez e no parto –, e se relaciona ao que Obst et al (2020) identificam como uma “dupla privação de direitos”, isto é, esses homens experienciam um sofrimento adicional não somente pelo não reconhecimento da perda, mas pelo não reconhecimento de si mesmos como pais enlutados.

Por conseguinte, o sentimento de solidão é relatado na literatura como um amplificador da dor desses homens, pois os leva a refletir sobre o sonho frustrado de serem pais de filhos vivos. Enfrentar o luto em silêncio pode ser devido a uma separação forçada de suas companheiras durante a internação ou mesmo pela preferência de lidar com a dor sozinhos. Além disso, muitos homens ocultam



seu sofrimento para parecer fortes e apoiar suas parceiras e filhos mais velhos (LIZCANO-PABÓN et al., 2019). O vínculo conjugal é um importante mediador no luto, especialmente quando outros laços sociais são frágeis, tornando a parceira a principal fonte de apoio. A comunicação aberta e o suporte mútuo ajudam a enfrentar a perda, mas a perda perinatal também pode gerar crises e conflitos no relacionamento, especialmente por estilos de enfrentamento incongruentes (OBST et al., 2020; OBST et al., 2021; LIZCANO-PABÓN et al., 2019). Essas tensões são mais comuns nas primeiras semanas após a perda e alguns casais desenvolvem estratégias para superá-las com o tempo (LIZCANO-PABÓN et al., 2019).

O ambiente de trabalho é destacado nas pesquisas como um espaço que pode ser tanto de apoio quanto de desvalidação do luto. Em geral, as políticas institucionais oferecem um tempo de afastamento menor para homens do que para mulheres, embora alguns locais proporcionem licenças remuneradas mais longas ou sessões com psicólogos (JONES et al., 2019; OBST et al., 2020). Para alguns homens, voltar ao trabalho é um alívio, pois permite o apoio dos colegas e facilita o processo de restauração. Outros aumentam sua carga de trabalho para lidar com a dor (LIZCANO-PABÓN et al., 2019). A literatura não apresenta dados conclusivos, mas sugestivos de que a falta de licença remunerada pode resultar em exaustão e dificuldades de concentração para muitos homens, enquanto extensões de prazos e licenças mais longas parecem reduzir o impacto do luto (OBST; DUE, 2019; JONES et al., 2019; OBST et al., 2020).

As experiências de apoio (ou a falta dele) das equipes de saúde assistentes são um fator importante que afeta o sofrimento dos pais durante o luto (OBST et al., 2020; HARTY et al., 2021; OBST; DUE, 2019). Muitos homens não se sentem acolhidos pelo suporte oferecido pelas equipes de saúde, embora estudos indiquem que os profissionais têm essa preocupação. Essa dissonância surge de fatores como linguagem insensível, a demora ou falta de informações práticas sobre como eles poderiam cuidar de sua parceira ou organizar um funeral/enterro e de inclusão nos processos pertinentes aos cuidados em saúde (OBST et al., 2020; LIZCANO-PABÓN et al., 2019). O acesso a informações claras e precisas é identificada pelos pais como um elemento que ajuda a fortalecer o sentimento de pertencimento, aliviar o sofrimento e favorecer um maior preparo ante as demandas presentes (HARTY et al., 2021; OBST; DUE, 2019).



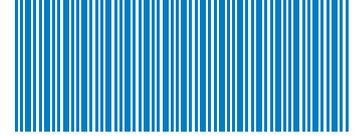
Muitos homens apresentam sentimentos de exclusão e negligência durante o luto em hospitais, especialmente após abortos recorrentes. Nesses casos, eles se sentem pouco reconhecidos como parte do casal enlutado, visto que percebem os profissionais de saúde focados em tarefas práticas em vez de oferecer também apoio emocional (HARTY et al., 2021; OBST; DUE, 2019). A falta de empatia gerou frustração naqueles que perceberam que a atenção dada a suas perdas não era a mesma de casais com gestações viáveis. A percepção de que a atenção era voltada para as parceiras fez muitos se sentirem observadores passivos e se colocarem como estranhos, levando a sentimentos de arrependimento e ressentimento (WILLIAMS et al., 2019).

Na falta de apoio comunitário e familiar, a equipe de saúde se torna uma das principais fontes de suporte para pais em luto e muitos relatam que o apoio de ginecologistas e obstetras especializados foi o único apoio efetivo (HARTY et al., 2021). A dificuldade de acesso a cuidados especializados é um desafio comum, já que muitas famílias são encaminhadas a serviços de suporte ao luto apenas após várias perdas ou recebem indicações que não diferenciam as necessidades de homens e mulheres (HARTY et al., 2021; OBST; DUE, 2019; OBST et al., 2020). Alguns homens preferem grupos de apoio, outros se sentem mais confortáveis em ambientes individuais e foi também identificada uma preferência por profissionais de saúde mental especializados em luto do que generalistas (OBST; DUE, 2019). Mesmo quando há suporte formal, muitos ainda preferem buscar apoio de amigos e familiares, ainda que esse se mostre menos disponível (HARTY et al., 2021; OBST et al., 2020). O uso da internet para expressar o luto também tem crescido, uma vez que é um espaço que oferece validação social (JONES et al., 2019).

### **Expectativas de gênero e enfrentamento da perda**

Estudos concordam que há um foco maior no luto perinatal feminino, tanto na cultura quanto na academia. Acredita-se que as mulheres vivenciam a perda de forma mais intensa, reflexo de papéis sociais que veem a maternidade como um “dom natural” e do menor engajamento paterno ou mesmo abandono paterno, que muitas vezes resulta em uma maternidade solitária.

Apenas três dos trabalhos encontrados discutem em maior profundidade as questões sociais transversais à experiência do



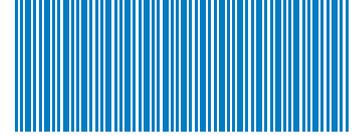
luto. O estudo de Roberts et al. (2017) com uma pequena amostra de homens na Índia explora como os valores patriarcais afetam o luto de pais com filhos natimortos. O patriarcado indiano coloca os homens no centro das decisões familiares, considerado muitas vezes um fardo. Os homens não costumam reconhecer seu luto e enfrentam pressão para ter outro filho rapidamente, o que limita a expressão de seus sentimentos e pode aumentar comportamentos abusivos. No entanto, alguns que vivenciaram perdas neonatais desenvolveram maior empatia ao compartilhar a dor com suas esposas.

As revisões de literatura conduzidas no Reino Unido por Jones et al. (2019) e Williams et al. (2020) em países de alta renda mostram que muitos homens associam a masculinidade a qualidades como distanciamento emocional, estoicidade e silêncio. Quanto mais se apegam a esses papéis tradicionais, mais utilizam essas estratégias para evitar a dor da perda, resultando em um luto pouco adaptativo e em maior autocobrança para manter essas normas. Esse comportamento pode mascarar o luto e aumentar o risco de uso de álcool e outras substâncias para lidar com as emoções. Alguns homens negam sentir-se afetados pela perda, enquanto outros buscam apoio por meio da conexão com suas parceiras ou grupos que compartilham experiências semelhantes. Harty et al. (2021) complementa que homens que aderem mais rigidamente a essas expectativas de gênero buscam menos apoio nos serviços de saúde, o que pode levar a um luto mais inibido.

A experiência da paternidade e do luto envolve uma transição de identidade, que exige dos homens uma negociação entre a *preservar a masculinidade tradicional e viver o luto como pai*. A troca de experiências e as reflexões pessoais podem promover um ajuste mais adaptativo, facilitando tanto a transição para a paternidade quanto a construção de um novo senso de si após a perda de um filho.

### **Considerações finais**

A revisão realizada mostrou que ainda é incipiente a produção acadêmica acerca dos aspectos psicossociais do luto paterno por perdas perinatais, visto que a grande maioria dos artigos se encontram situados em poucos países economicamente desenvolvidos, com pouco aprofundamento sobre as diferenças culturais dos papéis de gênero entre as regiões geográficas.



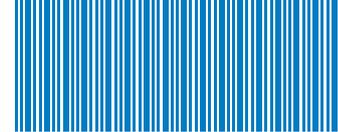
Destaca-se que não foi encontrada nenhuma produção nacional que discuta os atravessamentos da nossa realidade social desses processos de luto, o que aponta uma importante lacuna a ser explorada por estudos posteriores. Em geral, prevaleceu a abordagem qualitativa com pequenas amostras nas pesquisas encontradas, demonstrando maior interesse no aprofundamento da vivência e no discurso desses pais.

A pesquisa revelou que, embora as reações de luto materno e paterno possam ser similares, as relações de gênero contribuem para um luto masculino mais inibido. A masculinidade frequentemente leva os homens a assumir o papel de protetor da família, o que, somado ao seu não reconhecimento social, pode resultar em uma experiência de isolamento e dor adicional. A falta de inclusão nos espaços hospitalares e comunitários é um risco à saúde mental desses homens e é fundamental que as equipes de assistência considerem essas

questões ao acolher casais enlutados, respeitando suas individualidades. A expressão dos sentimentos e o acesso a apoio social e especializado (quando indicado) são fundamentais para enfrentar o luto.

As principais limitações do estudo se dão pelo fato de as produções acadêmicas encontradas serem transversais, o que não fornece evidências sobre como seria esse processo de luto em longo prazo – o que poderia ser obtido, por exemplo, com estudos longitudinais ou com outros recortes –, ao fato de todos os estudos versarem sobre homens que estavam em relacionamentos heterossexuais com as parceiras quando a perda aconteceu – excluindo outras possibilidades de arranjo conjugal – e, principalmente, ao fato não abordarem em profundidade as diferenças dos atravessamentos culturais nessa experiência.

Desse modo, conclui-se que o processo de luto paterno por perdas perinatais se constitui como uma experiência complexa e multifacetada, não podendo ser entendida como um fenômeno homogêneo. Vale ressaltar que estudos como este permitem avançar na compreensão da temática e dar base para intervenções em saúde sensíveis às questões de gênero e a complexidade do processo de luto.



## REFERÊNCIAS

BURDEN, C.; BRADLEY, S.; STOREY, C.; ELLIS, A.; HEAZELL, A.E.P.; DOWNE, S.; CACCIATORE, J.; SIASSAKOS, D. From grief, guilt pain and stigma to hope and pride – a systematic review and meta-analysis of mixed-method research of the psychosocial impact of stillbirth. **BMC Pregnancy and Childbirth**, Londres, v. 16, n. 1, jan. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12884-016-0800-8>. Acesso em: 06 jan. 2025.

BURGESS, A.; MURRAY, C.; CLANCY, A. Fathers' Relational Experiences of Stillbirth: Pre-natal Attachment, Loss and Continuing Bonds Through Use of Objects. **Omega, Estados Unidos**, mar. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/00302228231162736>. Acesso em: 06 jan. 2025.

CASELLATO, G. **O resgate da empatia: suporte psicológico ao luto não reconhecido**. São Paulo: Summus Editorial, 2015.

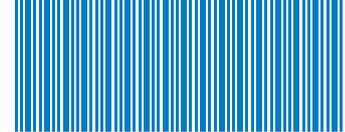
DOKA, K. **Disenfranchised grief: new directions challenges and strategies for practice**. Illinois: Research Press, 2002.

FRANCO, M.H.P. **O luto no século 21: uma compreensão abrangente do fenômeno**. São Paulo: Summus Editorial, 2020.

HARTY, T.; TRENCH, M.; KEEGAN, O.; O'DONOGHUE, K.; NUZUM, D. **The experiences of men following recurrent miscarriage in an Irish tertiary hospital: A qualitative analysis**. Health Expectations, [S.l.], v. 25, n. 3, pp. 1048–1057, mar. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/hex.13452>. Acesso em: 06 jan. 2025.

IACONELLI, V. **Luto insólito, desmentido e trauma: clínica psicanalítica com mães de bebês**. Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., São Paulo, v. 10, n. 4, pp. 614–623, dez. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-47142007000400004>. Acesso em: 06 jan. 2025.

JONES, K.; ROBB, M.; MURPHY, S.; DAVIES, A. **New understandings of fathers' experiences of grief and loss following stillbirth and neonatal death: A scoping review**. Midwifery, Reino Unido, v. 79, dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.midw.2019.102531>. Acesso em: 06 jan. 2025.



LEMOS, L. F. S.; CUNHA, A. C. B. da. Concepções Sobre Morte e Luto: Experiência Feminina Sobre a Perda Gestacional. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 35, n. 4, pp. 1120–1138, out-dez. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703001582014>. Acesso em: 06 jan. 2025.

LIZCANO PABÓN, L.D.M.; MORENO FERGUSSON, M.E.; PALACIOS, A.M. Experience of Perinatal Death from the Father’s Perspective. **Nursing Research**, British Columbia, v. 68, n. 5, p. E1–E9, set-out. 2019. Disponível em: HYPERLINK “<https://doi.org/10.1097/NNR.0000000000000369>” \h <https://doi.org/10.1097/NNR.0000000000000369>. Acesso em: 06 jan. 2025.

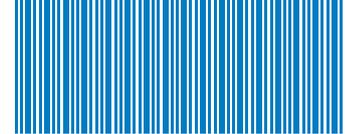
MARTÍNEZ-ESQUIVEL, D.; MUÑOZ-ROJAS, D.; GARCÍA-HERNÁNDEZ, A.M. Manutenção de vínculos em homens em luto por um ente querido. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, São Paulo, v. 31, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.6753.4012>. Acesso em: 06 jan. 2025.

MAUÉS, P.Z.; NASCIMENTO, M. Bereavement and paternity: resignifications of the paternal experience after losing a child. **Interface: Communication, Health, Education**, São Paulo, v. 27, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/INTERFACE.230248>. Acesso em: 06 jan. 2025.

OBST, K.L.; DUE, C. Australian men’s experiences of support following pregnancy loss: A qualitative study. **Midwifery**, Reino Unido, v. 70, pp. 1–6, mar. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.midw.2018.11.013>. Acesso em: 06 jan. 2025.

OBST, K.L.; DUE, C.; OXLAD, M.; MIDDLETON, P. Men’s grief following pregnancy loss and neonatal loss: A systematic review and emerging theoretical model. **BMC Pregnancy and Childbirth**, Londres, v. 20, n. 1, jan, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12884-019-2677-9>. Acesso em: 06 jan. 2025.

OBST, K.L.; OXLAD, M.; DUE, C.; MIDDLETON, P. Factors contributing to men’s grief following pregnancy loss and neonatal death: further development of an emerging model in an Australian sample. **BMC Pregnancy and Childbirth**, Londres, v. 21, n. 1, jan. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12884-020-03514-6>. Acesso em: 06 jan. 2025.



PARIS, G.F.; DE MONTIGNY, F.; PELLOSO, S.M. Professional practice in caring for maternal grief in the face of stillbirth in two countries. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 74, n. 3, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0253>. Acesso em: 06 jan. 2025.

PEREIRA-BENTO, A.M. **Quando um pai perde seu filho: o luto paterno frente a perda perinatal e neonatal**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia)- Faculdade Anhanguera, Rio de Janeiro, 2022.

ROBERTS, L.; MONTGOMERY, S.; GANESH, G.; KAUR, H.P.; SINGH, R. Addressing Stillbirth in India Must Include Men. **Issues in Mental Health Nursing**, v. 38, n. 7, pp. 590-599, mar. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/01612840.2017.1294220>. Acesso em: 06 jan. 2025.

TAVARES DE SOUZA, M.; DIAS DA SILVA, M.; DE CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, São Paulo, v. 8, n. 1, jan-mar 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134>. Acesso em: 06 jan. 2025.

TINOCO, V. O processo de luto na maternidade prematura. In: CASELLATO, G. **O resgate da empatia: suporte psicológico ao luto não reconhecido**. São Paulo: Summus, pp. 29-48.

WILLIAMS, H.M.; TOPPING, A.; COOMARASAMY, A.; JONES, L.L. Men and Miscarriage: A Systematic Review and Thematic Synthesis. **Qualitative Health Research**, Utah, v. 30, n. 1, p. 133-145, set. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1049732319870270>. Acesso em: 06 jan. 2025.

WORDEN, J.W. **Aconselhamento do Luto e Terapia do Luto: Um Manual para Profissional de Saúde Mental**. São Paulo: Roca, 2013.

Submetido em: 10/11/2024

Aceito em: 20/12/2024

